

# ENFRENTAR AS INCERTEZAS: alternativas didáticas em ambientes virtuais

04/2005

031-TC-C3

Aldeci Cacique Calixto

Uniminas/MG – aldecicacique@uniminas.br

Elsa Guimarães Oliveira

Uniminas/MG – goliveira@ufu.br

Gilca dos Santos Vilarinho Oliveira

Uniminas/MG – gilca@triang.com.br

C - Métodos e Tecnologias

3 - Educação Universitária

B - Descrição de Projeto em Andamento

## Resumo

*A experiência de construção coletiva da proposta do Curso de Pedagogia – Gestão e Tecnologia Educacional permitiu as autoras pensar a formação de pedagogos longe do aconchego das idéias e teorias já estabelecidas e enfrentar as incertezas que nascem de propostas inovadoras fruto do diálogo entre tecnologia e pedagogia. Indaga-se, neste contexto, sobre quais instrumentos/metodologias poderiam acomodar este desafio. Constituiu-se, para este fim, uma rede de trabalho interdisciplinar tendo como alternativas didáticas a construção de sitefólio, webquest, blog e webfólio integrando as disciplinas Introdução a Educação a Distância I, Informática aplicada a Educação I e II e Didática dos Meios I. Na experiência relatada, o sujeito aprendiz teve a*

*oportunidade de assumir seu processo de aprendizagem, revelando conhecimentos e capacidades inerentes ao seu crescimento pessoal e social. A experiência aponta a revisão do processo ensino-aprendizagem, privilegiando o trabalho colaborativo entre formadoras e formando(as) e contemplando o protagonismo do aprendiz. Indica, também, a contribuição significativa das alternativas didáticas adotadas para processos de formação de docentes como pesquisadores de sua própria prática, rompendo fronteiras não só disciplinares, mas também espaciais e temporais, na busca incessante da constituição de uma comunidade que trabalha e aprende em rede, utilizando os ambientes virtuais.*

**Palavras-chave:** Educação a Distância, Internet, webquest, blog, webfólio

## 1. Introdução

*O inesperado surpreende-nos. É que nos instalamos de maneira segura em nossas teorias e idéias, e estas não têm estruturas para acolher o novo. Entretanto, o novo brota sem parar. Não podemos jamais prever como se apresentará, mas deve-se esperar sua chegada, ou seja, esperar o inesperado. E quando o inesperado se manifesta, é preciso ser capaz de rever nossas teorias e idéias, em vez de deixar o fato novo entrar à força na teoria incapaz de recebê-lo.*  
Edgar Morin

Para alguns o sentimento de impotência frente ao inevitável é um ponto freqüente quando o tema em debate é a chamada sociedade digital. Muitas vezes a apologia à força da mudança que as avançadas tecnologias de comunicação digital podem provocar na vida humana, produzem interpretações errôneas de que tal fato tem como conseqüência certa a perda da nossa condição de sujeitos, reduzindo-nos à condição de objetos. E, objetos impelidos pela força dos acontecimentos que não pode ser detida ou redirecionada. Talvez o maior desafio da educação num contexto de integração regional ou global seja o de instaurar a cultura do enfrentamento das incertezas. Precisamos aprender a viver em mudança. A força da presença e das alterações no contexto de ensino/aprendizagem instituídas a partir de um projeto de sociedade digital e integrada precisam ser vistas não pela ótica da fatalidade, do inevitável, mas pela perspectiva do latente, do potencial.

A experiência de construção coletiva da proposta do Curso de Pedagogia – Gestão e Tecnologia Educacional<sup>1</sup> nos permitiu pensar a formação de pedagogos longe do aconchego das idéias e teorias já estabelecidas e nos confrontar com o novo, o inesperado. Fomos desafiados a procurar por pistas já que, como ressalta Morin no trecho de nossa epígrafe, não podemos prever como o novo se apresentará. Em princípio, tivemos que visualizar um educador para atuar num contexto em que o aprender e o ensinar não são mais monopólio das escolas. Tivemos, portanto, que levar em conta uma sociedade aprendente, um coletivo que aprende em rede, a partir da troca, uma organização humana que se apresenta cada vez mais envolvida na circulação *online* dos conhecimentos, na velocidade dos espaços digitais. A pedagogia e o pedagogo ganham dessa forma outros lugares de formação e atuação.

Em seguida e ao mesmo tempo, porque entendemos que os trajetos das idéias não precisam ser lineares e encadeados mas experimentam movimentos de ir e vir, tivemos que nos perguntar sobre que instrumentos e metodologias seriam capazes de acomodar esta primeira novidade. Num esforço coletivo, produzimos novas disciplinas, revisitamos metodologias e recursos tradicionais, ao mesmo tempo em que incorporávamos os instrumentos telemáticos. Foi necessário estabelecer um diálogo produtivo entre tecnologia, gestão e a pedagogia, tecendo com e para os aprendizes do Curso redes de trabalhos interdisciplinares, usando como suporte os recursos da informática, das mídias eletrônicas, da Internet.

O trabalho que relatamos a seguir é o resultado deste primeiro esforço. Assim, como professoras das disciplinas - *Informática aplicada a Educação I e II, Introdução a Educação a Distância I e Didática dos Meios I* - nos interessamos em explorar a possibilidade de trabalho coletivo por meio da construção de webquest, blog e webfólio, organizados no sitefólio de cada discente.

## 2. Por que um sitefólio?

No sentido de criar um registro permanente das atividades elaboradas pelos discentes é que, ao iniciar a disciplina *Informática aplicada a Educação I*, cujo objetivo é promover tanto saberes práticos como teóricos sobre tecnologias educacionais, propusemos a construção de um *site* pessoal, um espaço para inserir os trabalhos desenvolvidos. Criamos, assim, a possibilidade não só do registro permanente, mas da divulgação na *Web*, da produção acadêmica. Vimos que poderíamos utilizar o termo “sitefólio”, pautando-nos no conceito, apresentados no dicionário Houaiss, no qual *site* é definido como: “*local na Internet identificado por um nome de domínio, constituído por uma ou mais páginas de hipertexto, que podem conter textos, gráficos e informações em multimídia*” e portfólio como: “*conjunto de trabalhos de um artista (designer, desenhista, cartunista, fotógrafo etc.)(...). para divulgação entre clientes prospectivos, editores etc.*”

Para a construção das páginas que comporiam o sitefólio, foi instalado o *software Front Page* na versão inglesa 3.0.2. Não houve uma seleção ou avaliação do *software* a ser utilizado, visto que era necessário usar aqueles que a instituição oferecia. Para ilustrar as páginas buscamos em diversos *sites*, disponibilizados gratuitamente, diversas figuras como barras animadas, fundos, ilustrações diversificadas, etc. Apesar de certas limitações iniciais em lidar com o *hardware* e o próprio *software*, a primeira página do *site* foi concluída. Os alunos demonstravam satisfação ao ver esse primeiro passo realizado. A demanda por publicação gratuita foi respondida com a possibilidade de uso do *Yahoo!Geocities*.

Ao término do processo, já seria possível acessar o *site* de qualquer ponto do planeta, desde que conectado à Internet. Evidentemente, tivemos que efetuar o processo por diversas vezes, visto que, durante o trabalho ocorreu uma grande incidência de erros, como nomes de arquivos inválidos, *links* incorretos, *layout* incompleto, etc. A correção desses erros, fruto da pouca experiência do grupo, oportunizou um aprendizado significativo e uma maior familiaridade com as ferramentas informáticas.

Com a primeira página do *site* no ar, continuamos com o processo de alimentação do sitefólio. Assim foram criados vários *hiperlinks* que levam às atividades desenvolvidas neste projeto interdisciplinar pelos discentes, dentre outras: a webquest, o webfólio e o blog.

### 3. Por que webquest?

A Internet possibilita a inserção de diversas fontes de informação sobre os mais variados assuntos. Se por um lado, existe a facilidade de encontrar todo tipo de informações, por outro, está a dificuldade de conseguir a informação segura, tendo em vista que “*a quantidade de informações presentes na Internet dificulta a localização de uma fonte específica*”.(Tomaél e Valentim, 2004, p.5).

Na perspectiva, de otimizar a pesquisa na rede, surge, em 1995, proposta por Bernie Dodge, a webquest, definida como “*uma investigação orientada na qual algumas ou todas as informações com as quais os aprendizes interagem são originadas de recursos da Internet*”. A webquest oportuniza, também uma forma de o professor elaborar uma aventura investigativa com seus alunos, na qual encontrarão todas as informações necessárias na Internet ou até mesmo fora dela.

Como a disciplina *Informática Aplicada à Educação* tem o objetivo de levar ao discente os saberes de propostas educativas mediadas pelo computador, oferecemos àqueles o desafio de elaborar, então, uma webquest. Para a elaboração desta, os alunos deveriam escolher o tema e analisar sua relevância junto com a professora. Após a aprovação do tema, deveriam efetuar uma extensa pesquisa sobre o assunto selecionado.

Tendo em vista os objetivos didáticos deste relato, entendemos ser importante descrever cada um dos componentes da *webquest*:

- **Apresentação:** É a porta de entrada para a *webquest*. Deve apresentar o título, alguma ilustração sobre o tema e, se desejar, uma mensagem, citação ou pensamento que motive o usuário a "mergulhar" na "aventura" à qual será "convidado".
- **Introdução :** Nesta fase é dada alguma informação preliminar de modo a traçar um cenário desafiador e motivador para os alunos, levando-os a empenharem-se na webquest. Se a webquest tem um cenário ou pede representação de papéis isso deve ser mencionado. Por meio de um texto curto, é na introdução que se apresenta o tema seguido do anúncio das atividades a serem realizadas.
- **Tarefa:** Determina algo que seja possível de ser realizado pelos alunos e passível de ser divulgado. Pode constar da resolução de problemas, da participação em debates/discussões temáticas, da simulação de papéis, da criação de produtos, do planejamento ou organização de uma ação ou evento, etc.
- **Processo:** Apresenta os passos que os alunos terão de percorrer para desenvolver a Tarefa, bem como os *links* a serem pesquisados.

- Avaliação: Informa sobre como o desempenho será avaliado.
- Conclusão: É o espaço no qual deve-se incentivar o aluno a continuar refletindo sobre o assunto e despertar a curiosidade para pesquisas futuras, sinalizando campos de estudo para outras áreas de interesse ligadas ao tema estudado, proporcionando mais sentido à aprendizagem.
- Créditos: Identifica a equipe de criação. Deve apresentar as fontes de todos os materiais utilizados. É também o espaço dos agradecimentos.
- Destinatários: Informa o público para o qual foi desenvolvida.

Para elaborar a webquest, o aluno teve de colocar-se no papel de gestor/professor e preparar material para o público com o qual atuará após concluir seu período de formação. Assim, avaliamos que esta atividade oportunizou a visão dos alunos não apenas do ponto de vista de consumidores mas de produtores de informação e de novas práticas educativas.

#### 4. Por que blog?

As pesquisas que consideram os professores como produtores de saberes, os quais são gestados em sua prática profissional, estão agrupadas na abordagem chamada de Profissional. Essa, segundo Alarcão (2003) abriga o pensamento de Tardif (1991) para quem os saberes produzidos pelos professores lhes dão condição de compreensão e controle da prática; de Schön (1983,1987), Gore e Zeichner (1991) que vêem os professores como práticos reflexivos (*reflexif practitioner*) cujos saberes têm origem na prática; Stenhouse e Elliot que, valendo-se da pesquisa-ação, compreendem que o docente produz seus saberes através da investigação da própria prática, sendo, portanto, um professor-pesquisador (*teacher as researcher*).

Como base na idéia de professores como produtores de saberes, na disciplina *Didática dos Meios I*, procuramos priorizar a formação a partir da reflexão sobre e na prática nisto incluso sua experiência como aluno. O Memorial mostrou-se como atividade capaz de contribuir para este fim. Trata-se de um texto onde o aluno fará, num primeiro momento, o registro de suas experiências mais significativas desde o início da escolarização até a graduação e, num segundo momento, analisará tais experiências com base nos conhecimentos construídos na disciplina.

O blog tem aparecido nos dois últimos anos como uma “febre”na Internet. Viu-se na possibilidade de dar ao Memorial um formato de blog a perspectiva de motivar os alunos para a produção do texto e ampliar o seu universo de troca e discussão já que suas experiências e análise estariam expostas aos comentários dos que acessassem os blogs. Como define Alarcão (2003, p.52-53)

*A acto de escrita é um encontro conosco e com o mundo que nos cerca. Nele encetamos uma fala com o nosso íntimo e, se quisermos abrir-nos, também com os outros. Implica reflexões a*

*níveis de profundidade variados. As narrativas revelam o modo como os seres humanos experienciam o mundo.*

O texto deveria ser, portanto, a sistematização de um processo caracterizado por erros, acertos, dúvidas, angústias, certezas, incertezas, mudanças.

## **5. Por que webfólio?**

O webfólio ou portfólio eletrônico – publicado nas páginas da Internet - apresenta-se como uma alternativa para o acompanhamento do processo de aprender e ensinar e pode favorecer a reflexão contínua do sujeito aprendiz e do mediador pedagógico (ou professor) sobre a qualidade das práticas educativas realizadas e em realização, notadamente na modalidade de educação a distância.

É consensual a urgência de mudanças nas práticas avaliativas, mas não há fórmulas mágicas. Um dos requisitos necessários é necessidade de conhecer metodologias e propostas diferentes das tradicionais, pois a ressignificação das práticas avaliativas requer o compromisso do mediador pedagógico (ou professor) com uma determinada concepção de educação e não simplesmente a modernização de técnicas e/ou instrumentos avaliativos.

A prática da avaliação privilegia o ensino centrado no processo de transmissão/assimilação de conteúdos. Caracteriza-se como mecanismo de controle, preocupada com a verificação de resultados pontuais e necessários para classificar o alunado, tendo em vista a sua aprovação/reprovação. Essa concepção e prática de avaliação, materializam o paradigma conservador de pensar e fazer a educação.

Por outro lado, os estudiosos e profissionais da educação (Perrenoud 1999), Esteban (2000), De Sordi (2000), Villas Boas (2004), têm apontado que a avaliação traduz-se na forma de investigar, refletir, acompanhar a prática no cotidiano da escola para subsidiar a tomada de decisão em relação ao aluno, professor, currículo e instituição escolar. Portanto, o ato de avaliar precisa ser processual, contínuo, incluyente, participativo, transparente, diagnóstico, emancipatório, formativo/formador para recuperar o potencial educativo da avaliação. Essa abordagem faz parte do paradigma emergente - em construção - que contribui para a compreensão e superação da prática pedagógica reprodutora de teorias e práticas já ultrapassadas.

Assim sendo, o mediador pedagógico pratica a avaliação conforme suas concepções de avaliação, aprendizagem, ensino e de educação que, por sua vez, estão inseridas em sua visão da condição humana numa sociedade aprendente e digital.

### ***Acolher o novo...***

Na construção de uma nova educação para novos espaços educativos, a avaliação pode ser um instrumento relevante. Perrenoud (1999) insiste que mudar a avaliação significa mudar a escola.

A alteração substantiva nas práticas de avaliar requer uma base teórica para evitar o reducionismo dos movimentos de modernização das técnicas avaliativas. Ou seja, é a mudança paradigmática que possibilita a diferença tanto na forma de selecionar o conteúdo da avaliação quanto na utilização de procedimentos para coletar, interpretar, comunicar e extrair informações, necessárias à revitalização da prática pedagógica.

Há um repertório variado de atividades ou instrumentos avaliativos destinados à coleta de informações a respeito de um projeto educativo, desde a tradicional prova até os instrumentos mais recentes, tais como: a) fichas de registro individual ou de grupo; b) gráficos evolutivos de desempenho; c) trabalhos – escritos, práticos, apresentações orais, projetos de investigação acompanhados pelo professor; d) diários reflexivos para acompanhar a construção do conhecimento e reflexões sobre a aprendizagem; e) portfólios/webfólios – sistematização das produções do aluno sobre pesquisas individuais e/ou coletivas, sínteses, reflexões sobre mudanças pessoais, auto-avaliação, etc.

Na área da educação, o uso do portfólio é recente. Na década de 90, seu potencial começou a ser explorado, principalmente em instituições de ensino superior nos Estados Unidos. É originário do campo das artes, composto de um conjunto de produções de um artista para divulgação de seus trabalhos e/ou competências para seus possíveis clientes. Como instrumento avaliativo vem recebendo diferentes denominações: porta-fólios, processo-fólios, diários de bordo, dossiê e, com o avanço das tecnologias de comunicação e informação, surge, no ambiente virtual, o webfólio.

A avaliação por meio do webfólio representa uma abordagem nova em razão de seus princípios pedagógicos e dos suportes digitais utilizados, pois o ciberespaço é o terreno das experiências e atividades pedagógicas inovadoras. As tecnologias avançadas de comunicação digital, queiramos ou não, tornam-se suportes educativos cada vez mais importantes nos processos formativos que visam atender a demanda crescente por mais educação.

O webfólio vem sendo adotado para atender a necessidade de *“acompanhamento da aprendizagem, uma vez que se caracteriza pelo registro reflexivo e crítico do aluno e do professor sobre a produção escolar”*, tendo como pressuposto básico *“a construção do conhecimento”* e a *“reflexão como condição para a ocorrência da aprendizagem”*. (Camargo, 1999, p. 174).

A estruturação do webfólio pode incluir a descrição, análise e avaliação das experiências significativas que os aprendentes tenham tido antes e durante sua trajetória de formação. Incorpora uma série de registros reflexivos, tais como: a trajetória de vida, informações sobre o curso e/ou disciplina, textos e materiais produzidos – individualmente ou em grupo; análises e resumos de textos, artigos, reportagens e/ou livros; projetos e relatórios de pesquisas; comentários sobre provas, trabalhos extra-classe; registro de observações e de visitas técnicas; pareceres sobre filmes assistidos, eventos de que participou, etc. Segundo Dey e Fenty (1997, p. 20), o portfólio/webfólio pode conter ainda *“um diário reflexivo para o aluno registrar seus pensamentos, sentimentos e auto-avaliações de crescimento ao longo da experiência de ensino (...) para falar de suas experiências e realizações”*.

Em síntese, o webfólio oportuniza espaço para o diálogo contínuo entre formandos e formadores no intuito de avaliar o alcance (ou não) dos objetivos da disciplina e sua contribuição para o projeto de formação do curso.

### ***A construção do webfólio: uma rede de trabalho interdisciplinar***

Na tentativa de articular inovação tecnológica e pedagógica, desenvolvemos as atividades de três disciplinas do Curso de Pedagogia, Gestão e Tecnologia Educacional, de forma colaborativa e integrada. Nesse sentido, os recursos da informática e as mídias eletrônicas, trabalhadas em *Informática aplicada a Educação II*, constituíram o suporte para edição e publicação webfólio que foi selecionado como instrumento avaliativo em *Introdução a Educação a Distância I*. Por sua vez, as diretrizes pedagógicas sobre avaliação diagnóstica, desenvolvidas na disciplina *Didática dos Meios I*, alicerçaram a compreensão do webfólio como alternativa de avaliação processual e formativa, em ambientes virtuais.

A construção do webfólio acompanhou a sistemática de trabalho vivenciada na disciplina com base em alguns princípios norteadores, dentre eles: a valorização dos saberes da experiência dos formandos (as) que explicitados, analisados, sistematizados e socializados serviram para a organização de rede de questões e/ou desafios que orientaram os estudos, pesquisas e atividades desenvolvidas. A adoção do ensino com pesquisa constituiu o eixo metodológico da organização do trabalho pedagógico, oportunizando a construção/produção de conhecimento *online* pelo coletivo dos formandos (as) e formadores (as).

As aulas foram desenvolvidas, ora na sala de aula, integrando momentos de discussão, socialização e produção de textos e planejamento das páginas virtuais, entrelaçando linguagem verbal e audiovisual; ora no laboratório de multimídia, para edição e publicação das páginas no formato de hipertextos, utilizando para tal os diversos recursos da informática e as possibilidades da Internet.

O registro da trajetória foi estruturado em seções mais ou menos dirigidas que abrigaram as produções orientadas, pesquisas de enriquecimento e sínteses e pareceres avaliativos do coletivo de aprendentes. Essas produções constituíram-se objeto de investigação e análise para diagnosticar a crescimento dos formandos(as) com o intuito de, sempre que preciso, modificar a situação identificada, entrelaçando avaliação, aprendizagem e ensino. Isso favoreceu a relação dialógica entre formandos e formadora, como reforça De Sordi (2000, p. 234): “*diálogo profundo e freqüente sobre o portfólio, que a ambos enriquecerá, servindo de indicador concreto dos hiatos existentes entre os objetivos que definiram e os que estão logrando alcançar ainda no processo formativo.*”

A observação constante do portfólio contou com diferentes olhares – do próprio autor, colega, do pequeno grupo e da mediadora – mas orientados pelos mesmos critérios. Esses englobavam aspectos quantitativos e qualitativos e incentivavam sempre o aperfeiçoamento, a originalidade e a personalização do webfólio. Na dimensão quantitativa, eram verificados: pontualidade, presença das produções solicitadas, atendimento aos requisitos mínimos contidos no roteiro de orientação. Na dimensão qualitativa, eram observados indicadores da construção do conhecimento pelo sujeito aprendiz, tais como: elaboração própria, coerência



da argumentação, correção e adequação da língua escrita; organização e estruturação do webfólio, articulação entre as seções; flexibilidade, originalidade, estética das páginas construídas; presença de intenções de aperfeiçoamento, mudanças na vida pessoal.

Através dessa sistemática, a avaliação do webfólio pôde contribuir para revisão e/ou questionamento da prática docente bem como para analisar o desempenho e envolvimento dos alunos no Curso, visando, portanto, o aperfeiçoamento da prática pedagógica.

A partir desse ensaio de ensino com pesquisa, pudemos extrair algumas lições para dar continuidade à utilização do webfólio como alternativa de avaliação processual em ambientes virtuais, no desenvolvimento da educação a distância e/ou presencial, especialmente na educação superior.

### ***Algumas lições....***

Na experiência relatada, o sujeito aprendiz teve a oportunidade de assumir seu processo de aprendizagem, revelando conhecimentos e capacidades inerentes ao seu crescimento pessoal e social, tais como: descrever seus sentimentos, pensar criticamente, elaborar sínteses, comunicar através de linguagem verbal e audiovisual, dominar ferramentas tecnológicas, organizar esteticamente suas produções em ambientes virtuais, refletir e avaliar seu aprendizado, analisar o ensino e sugerir melhorias, etc.

Rever o processo ensino-aprendizagem, privilegiando o trabalho colaborativo entre formadora e formando(as) e contemplando o protagonismo do aprendiz ao indicar os pontos de avanço e os que precisam ser aperfeiçoados/inovados, pode contribuir para a auto-formação contínua do docente-pesquisador sobre sua própria prática. Talvez seja esse um dos caminhos para a consolidação de uma cultura avaliativa reflexiva, investigativa e questionadora rumo à construção de uma nova pedagogia – com tecnologia – para a educação face-a-face e/ou a distância.

## **6. Considerações finais: uma “*página em construção*”**

Ao ler as linhas anteriores uma pergunta provável do leitor talvez fosse: O grupo de professores do Curso de Pedagogia estaria envolvido na produção de inovações tecnológicas e/ou pedagógicas? Nossa resposta seria bastante cautelosa porque neste mar de mudanças e de novas experiências não é difícil constatar que uso de novas tecnologias não é sinônimo de inovações pedagógicas. Vimos a necessidade constituir uma rede de trabalho interdisciplinar, utilizando as ferramentas eletrônicas para enfrentar as exigências de uma sociedade aprendente e cheia de tecnologias. Assumimos o processo educativo do ponto de vista não só da construção do conhecimento, mas da construção de recursos cognitivos para sua apropriação e, nesse contexto, nos dispomos a enfrentar o inesperado para romper com o tradicional limite estabelecido pelas fronteiras disciplinares, espaciais e temporais, na busca incessante da constituição de uma comunidade que trabalha e aprende em rede.

Estamos a caminho da construção de alternativas didáticas para a utilização das potencialidades do ciberespaço no processo de ensinar e aprender. Sabemos, porém, que a ressignificação da prática pedagógica depende do compromisso do educador com uma proposta pedagógica inovadora, explicitada mais pela ação docente concreta do que pelo discurso professado. Assim, pensarmos sobre nossa prática educativa nos torna profissionais reflexivos e repensar as concepções e práticas implementadas aponta para a necessidade de se produzir um novo paradigma de educação alicerçado menos em mudança de situações e/ou instrumentos didáticos e mais numa nova atitude na gestão do processo pedagógico que articule os avanços da tecnologia com os da pedagogia, no bojo de projeto político-pedagógico definido pelo conjunto dos protagonistas do processo de formação.

### Nota

<sup>1</sup> Trata-se de curso de graduação promovido pela UNIMINAS, em Uberlândia-MG, desde 2003.

### Referências

- ALARCÃO, Isabel. *Professores reflexivos em uma escola reflexiva*. São Paulo: Cortez, 2003.
- CAMARGO, Alzira Leite Carvalhais. Mudanças na avaliação da aprendizagem escolar na perspectiva da progressão continuada: questões teórico-práticas. In: BICUDO, M. A. V. E SILVA JÚNIOR, C. (Org.). *Formação do educador: avaliação institucional, ensino e aprendizagem*. São Paulo: Editora UNESP, v. 4, 1999, p.174-6.
- DE SORDI, Maria Regina Lemes . Avaliação da aprendizagem universitária em tempos de mudança: a inovação ao alcance do educador comprometido. In: VEIGA, I. P. A.; CASTANHO, M. E. L. M. *Pedagogia universitária: a aula em foco*. Campinas: Papirus, 2000.
- DEY, E. L.; FENTY, J. M. Técnicas comumente usadas em abordagens qualitativas de avaliação. In: SOUZA, E. C. M. (Org.). *Técnicas e instrumentos de avaliação*. Brasília: UnB, 1997, p. 19-22.
- DODGE, Bernie. *Webquest: uma técnica para aprendizagem na rede internet*. Disponível em: [http://www.webquest.futuro.usp.br/artigos/textos\\_bernie.html](http://www.webquest.futuro.usp.br/artigos/textos_bernie.html). Acesso em 30 abr. 2005.
- ESTEBAN, Maria Teresa. Exigências democráticas/exigências pedagógicas: avaliação. *Tecnologia Educacional*, ano XXVI, n. 148, p. 3-6, jan. fev. mar. 2000.
- HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- MORIN, Edgar. *Sete saberes necessários à educação do futuro*. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 2001.
- PERRENOUD, Philippe. *Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens; entre duas lógicas*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.
- TOMAÉL, M. I.; VALENTIM, M. L. P. (Org.). *Avaliação de fontes de informação na Internet*. Londrina: EDUEL, 2004.

VILLAS BOAS, Benigna M. de Freitas. *Portfólio, avaliação e trabalho pedagógico*. Campinas: Papyrus, 2004.